

Homens e Mulheres em Armas – Duas Dinâmicas de Identidade?*

Maria Paula Lopes Castelão

Licenciada em Sociologia

Mestrado em Comportamento Organizacional

* Este artigo resume uma parte da tese de mestrado “Homens e Mulheres em Armas”, orientada pelo Prof. Doutor Correia Jesuino.

INTRODUÇÃO

O fim da guerra fria e as exigências decorrentes da adesão de Portugal à Comunidade Europeia no final dos anos 80, entre outras, influenciaram uma espécie de “micro revolução cultural” no seio das Forças Armadas (FA).

A par da componente instrumental e de gestão, envolvendo a sua reestruturação, reequipamento e racionalização de efectivos, surge uma nova concepção de serviço militar aparentemente mais aberto à sociedade civil: modernização, profissionalização, motivação, passaram a ser conceitos chave e abriram um leque de questões similares às encontradas no mercado de trabalho civil, entre outros, tipos de regime voluntariado ou contratual, propostas atraentes de formação, valorização e promoção pessoal.

Esta nova imagem das Forças Armadas foi suportada por uma campanha institucional onde preponderam novos códigos e valores, um simbolismo capaz de atrair os cidadãos e mais especificamente os jovens candidatos/as. Seguindo a tendência geral nos países de cultura Ocidental (distribuição demográfica em função do sexo, formação académica, hierarquia) as FA viram-se naturalmente obrigadas a abrir as portas às mulheres.

A Força Aérea surge como pioneira neste processo, tendo sido o Exército mais reticente à incorporação de mulheres oficiais nas suas fileiras (Portaria 1156/91).

A aplicação da legislação foi efectuada autónoma e descoordenadamente em cada ramo das FA – a cada um deles foi dada a responsabilidade do recrutamento feminino e a gestão dos problemas daí resultantes, na ausência de definições previamente integradas *“em muitos casos o nº de vagas definidas para mulheres, ou mesmo o seu acesso a determinadas especialidades foi, e continua a ser, claramente condicionado pelas condições materiais – designadamente em termos de alojamento – mais que por determinações de política reflectidas”* (Carreiras, 1997, p. 93). Apesar da integração feminina ser um dado adquirido em quase todo o mundo, as situações são muito variadas, sendo as mulheres excluídas do combate em muitos casos, situação relativamente à qual Portugal não foi alheio até há dois anos atrás (Portaria 238/96).

Os debates multiplicam-se e o poder político mostra-se aparentemente tímido a este respeito não tendo levado a cabo estudos de enquadramento prévios.

Até que ponto esta aparente inépcia reflecte um choque cultural significativo e até onde poderá ir a sua repercussão (cadetes femininos/masculi-

nos a interagirem numa instituição estruturada a partir “das guerras entre homens”) foi uma questão que prevaleceu ao longo deste trabalho. Foi nosso objectivo estudar as repercussões induzidas pela admissão de mulheres numa Academia Militar (AM), até então exclusivamente masculina, através das representações sociais e estratégias correlativas.

Analisa-se a representação que emerge deste vivido colectivo e até que ponto se configura um espaço de convergência ou divergência dentro do contexto militar, nomeadamente até que ponto as representações hegemónicas veiculadas pela instituição militar se irão sobrepor às representações de género.

As conceptualizações efectuadas durante o trabalho exploratório que antecedeu o presente estudo não podiam ser alheias aos resultados de investigações sobre identidade social, realizadas no âmbito da Psicologia Social Europeia e que apontam para a existência de mais de uma modalidade de identidade social de acordo com o capital simbólico que o grupo possui: os grupos maioritários revelam uma identidade mais autónoma e os grupos minoritários revelam uma identidade afectada pelo colectivo, uma maior dependência do meio (Lorenzi-Cioldi, 1998) (Amâncio, 1994). No caso concreto da variável género, estes resultados mostram uma assimetria na sua representação: o masculino evoca pessoa universal, individualidade, independência e dominância (associação ao grupo maioritário), enquanto o feminino evoca sentido colectivo, dependência e submissão (associação ao grupo minoritário).

De acordo com estes resultados reformulámos o nosso objectivo inicial na tentativa de perceber até que ponto as representações e estratégias de identidade utilizadas pelos cadetes masculinos e femininos são marcadas por relações desiguais e até que ponto esta situação tem implicações no processo de adaptação à instituição militar.

Na formulação das nossas “hipóteses” de trabalho, partimos do pressuposto de que a entrada na AM confronta os cadetes com olhares que lhes determinam mudanças de identidade, esperando-se que as representações e estratégias utilizadas possam diferir em função do género e no quadro de relações de dominação:

- as representações e estratégias das mulheres cadetes são resposta não apenas a “mudança de lugar social” mas a mudanças de valores inerentes aos seus referentes, contrariamente aos homens cadetes que não sofrem mudanças de valores tão acentuadas mantendo os seus referentes.

- a entrada das mulheres na Academia é acompanhada por um processo de desvalorização da sua identidade, provocando sofrimento e incitando ao uso de estratégias que permitam evitá-lo ou diminuí-lo.

Os pressupostos que nos orientaram basearam-se num quadro conceptual de referência que se inspira em diversas fontes, algumas já referidas anteriormente, e que culminam na abordagem conceptual introduzida por Zavalloni (1984): o papel atribuído aos processos de memorização na compreensão do pensamento social, os mecanismos de identidade a que se refere seja a reversibilidade entre si próprio e o grupo, a recodificação dos grupos (a representação dos grupos através de referentes implícitos e imagens protótipo), o jogo das oposições e diferenciações, são um importante contributo para a teoria das representações sociais e para o estudo da identidade social.

Zavalloni introduziu uma técnica de análise, o “investigateur multistade de l’identité social” (IMIS) que consiste numa entrevista em profundidade, que se desenrola ao longo de diversas fases, através do recurso à introspecção focalizada.

Através desta técnica é possível precisar com rigor o campo semântico de cada sujeito, obter a construção da realidade que lhe é específica e deste modo ultrapassar o discurso racional (naturalmente potenciado pela cultura militar e pela natureza ideológica do tema em estudo) – foram estes os principais argumentos que nos levaram a optar por esta metodologia não obstante o cálculo das desvantagens existentes: a morosidade requerida, a capacidade do entrevistador em ir mais além, os problemas relevantes de uma análise qualitativa (subjectividade, dificuldades de extrapolação, etc.).

MÉTODO

O estudo baseia-se em entrevistas realizadas a uma amostra de cadetes da Academia Militar, em Lisboa, durante o período de Janeiro a Abril de 1995 – foram entrevistados 7 cadetes do sexo masculino e 5 cadetes do sexo feminino.

Não se trata de uma amostra representativa: a morosidade das entrevistas aliada à dificuldade em disponibilizar cadetes para este efeito, apenas nos permitiu efectuar 12 entrevistas. Cada entrevista demora em média 7

horas, a maioria delas tiveram que ser conduzidas por fases e não era razoável ocupar os sujeitos durante tanto tempo.

Os sujeitos femininos representam a quase totalidade do universo (8). No caso dos sujeitos masculinos procurámos um nº ligeiramente superior, mas sem fixar um limite de partida. O critério adoptado foi parar quando a informação obtida não acrescentasse elementos significativos. Apesar do IMIS permitir extrair muita informação, a cultura militar imprimiu alguma homogeneidade às respostas a qual se acentuou a partir do momento em que as entrevistas foram realizadas dentro do espaço da AM (constrangimentos organizacionais e dos próprios sujeitos não nos permitiram realizar as entrevistas noutro contexto).

O método utilizado foi a contextualização representacional (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984) cuja operacionalização é efectuada através do IMIS: um protocolo que o indivíduo deverá preencher procedendo-se de seguida a uma entrevista com base nas suas categorias de resposta.

Todas as entrevistas foram gravadas e de seguida transcritas, o que nos permitiu efectuar uma análise detalhada de cada protocolo.

As questões postas aos sujeitos são as constantes do IMIS: “Nós somos, Eles são”, aplicada à nacionalidade, região, sexo, religião, profissão, meio social, tendência política, grupo de idade, estado civil, outro grupo, família, amigos, pessoa ideal, pessoas mais opostas. E ainda questões sobre a imagem própria, seja física, seja moral, como eram vistos pelos pais em crianças e qual a imagem que crêem projectar sobre os outros. Com base em cada estímulo (Nós, Eles) é pedido aos sujeitos para darem cinco respostas dirigidas a cada grupo.

Obtêm-se assim um conjunto de unidades representacionais (UR) constituindo o repertório semântico de cada sujeito (identidade social objectiva) que são usadas como estímulo para obter dados do 2º grau (identidade social subjectiva), através da técnica da introspecção focalizada (exploração das propriedades qualitativas de cada UR).

RESULTADOS

Na impossibilidade de apresentar aqui uma análise detalhada de cada protocolo limitar-nos-emos a apresentar algumas ilustrações mais directamente relacionadas com as estratégias sócio cognitivas do “Eu”, em interacção com as suas identidades, mais particularmente a identidade de género.

Pareceu-nos útil apresentar a análise dos resultados de um sujeito masculino e de um sujeito feminino (escolhemos os protocolos que nos pareceram mais próximos dos resultados do grupo), para finalmente elaborarmos uma visão de conjunto das tendências gerais produzidas.

Como primeira ilustração escolhemos um protocolo masculino relativo a um cadete, que na altura da entrevista tinha 19 anos e frequentava o 2º ano.

Designaremos os protocolos masculinos por M e os femininos por F. Alguns extractos do protocolo (M1) são apresentados no quadro 1.

Protocolo M1 – sexo maculino, 2ª ano da Academia militar, 19 anos, solteiro, católico, politicamente desinteressado

Nós os homens somos:

- diferentes das mulheres (0, 1+)
- superiores ao macaco (0, 1+)
- machistas (0, 3)
- mais sinceros que as mulheres (0,3 +)
- pouco calculistas (x -)

Eles os homens são:

- defendem a igualdade de direitos (0, x)
- subjugam-se às mulheres (x -)
- inferiores (x -)
- pouco calculistas (x -)
- diferentes das mulheres (0, 1 +)

Elas as mulheres são:

- calculistas (0, 1+)
- reservadas (x -)
- o complemento do homem (x)
- superiores ao macaco (x)
- burras algumas (x -)

Nós os militares somos:

- O braço armado da Nação (0, 1+)
- leais(0, 1+E)
- honrados(0, 1+E)
- vestimos todos de igual (0, 3)
- camaradas (0, 1+E)

Eles os militares são:

- desonestos (x -)
- desleais (x -)
- desonrados (x -)
- cobardes (x -)
- falsos (x -)

1 – aplica-se completamente a mim

2 – aplica-se a mim

3 – aplica-se um pouco a mim

x – não se aplica a mim

o – faz parte da minha personalidade

E – é uma característica minha essencial

+, -, positivo, negativo, neutro

Quadro 1 – Extrato do protocolo de M1

Recodificação dos grupos

Globalmente podemos considerar que a pertença sexual investe os modelos de identificação deste sujeito – o grupo de forçados e a Academia, centrais na sua identidade, surgem recodificados através de referentes masculinos estabelecendo uma relação de superioridade em relação às mulheres.

Para M1 a categoria Homens refere-se aos seus camaradas da AM e ao grupo de forçados, com o qual o sujeito tem uma relação muito estreita. Para M1 o homem sempre foi superior à mulher, quanto às razões que possam sustentar esta diferença, ele reenvia à cultura, a uma representação social hegemónica que encontrou estruturada e reactualiza no seu dia-a-dia *“eu não digo que isto seja a verdade, mas é uma tradição, um valor que se aprende desde a nascença ... sou machista quando penso que sou diferente para mais e melhor relativamente às mulheres, um homem tem mais facilidade em comandar outro homem, em impor o respeito, as mulheres têm mais dificuldade em impor ... por outro lado os homens são superiores nas provas físicas e as condições físicas vão influenciar as características psicológicas”*.

Com esta representação do género não é surpreendente que M1 se pronuncie frontalmente contra a presença das mulheres nas FA: tradicionalmente masculina esta instituição induz dificuldades de adaptação acrescidas às mulheres, levando-as a adoptar tácticas capazes de pôr em causa a ética militar. Na sua opinião uma mulher que escolhe a vida militar, das duas coisas uma *“ou já é falsa ou torna-se falsa aqui (porquê?) têm que sofrer grandes alterações, têm que se transformar num homem e para conseguirem isso têm que recorrer a tácticas que passam pela falsidade. O homem quando vem para a tropa sofre uma dificuldade de adaptação devido ao meio militar, mas não tem dificuldade em adaptar-se porque o meio militar é um meio de homens”*.

M1 recorda que os valores militares são bem conhecidos: a honestidade, a honra, o amor à pátria, a camaradagem, o espírito de sacrifício. Contrariamente a esses valores as mulheres recorrem às tácticas do calculismo feminino *“relativamente à avaliação do corpo de alunos, fazem-se valer do facto dos instrutores serem todos do sexo masculino ... usam aquelas lágrimas que num homem não fazem sentido e nelas fazem ... quem não pode arrear, elas param e choram, é fazer-se valer da fragilidade para justificarem o facto de não aguentarem ... a falsidade é influenciarem indirectamente as pessoas que nos avaliam para que sejam mais benevolentes”*. Ao utilizarem este comportamento as mulheres estão a desobedecer ao código de honra do cadete *“quando vou*

falar com o oficial ele espera que eu mantenha a minha postura séria e digna, não chego lá sem mais nem menos e começo a rir para eles que é o que elas fazem ... e inconscientemente eles permitem que isso aconteça que é a forma como estão habituados a relacionarem-se com elas”.

M1 receia que a necessidade de sobreviver num meio adverso induza as mulheres a tomar atitudes que possam pôr em causa os princípios da instituição militar *“devido às dificuldades que sentem em adaptar-se ao meio militar, elas são levadas a adoptar certas atitudes que lhes permitem sobreviver ... foi contado por pessoas que estiveram noutras unidades que as mulheres que estavam lá tinham um relacionamento entre homem e mulher, designadamente com superiores... é uma forma de conseguir favores”.*

O sujeito refere-se a um problema muito sensível, o problema do sexo, sempre presente mas sempre contornado pelos nossos respondentes. A metáfora da armada como uma família passa pelo tabu do incesto, por isso o mínimo desvio é severamente punido, contudo, a erotização está lá presente com as suas tensões.

Utilizando códigos até então inexistentes, como o riso e as lágrimas, as mulheres simbolizam a ameaça de desvirilização da armada, o que se torna dificilmente admissível para quem adere a uma representação tradicionalista seja dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, seja da instituição militar como é o caso de M1.

Os militares são recodificados com base na categoria homens *“isto é uma escola de formação de oficiais que vão comandar homens”*, pertencem a uma instituição de elite contendo um conjunto de valores que a transformam *“numa das instituições mais puras que existe na sociedade”*, só tendo paralelo com o grupo de forçados ao qual M1 também pertence *“é mais que uma família, é como se fossemos irmãos, dentro da arena se alguém estiver a levar porrada vou lá e arrisco a minha integridade física por ele”.*

Ser um forçado simboliza a coragem pela coragem, há uma mística muito macho em torno desta prática, que exclui a presença das mulheres da arena, não obstante serem fundamentais à coesão do grupo quando remetidas à função de namoradas e mães *“directamente dentro da praça não ... são as nossas namoradas, as nossas mães, ajudam à coesão do grupo, dão-nos conselhos, lavam a nossa roupa, participam nos jantares”.* Mais calculistas e frias, as mulheres não possuem as características necessárias para partilharem o espírito inerente a este grupo: ausência do espírito de lucro, arriscar unicamente pelo prazer de arriscar *“enfrentar um touro, sentir medo e conseguir vencê-lo, arriscar por nada, isso não está conotado com as mulheres”.*

Vejamos agora um protocolo feminino, F1, relativo a uma cadete pertencendo às primeiras gerações de candidatas admitidas na AM. Na altura da entrevista ela tinha 21 anos e frequentava o 2º ano da Academia. Foi uma das poucas a ter sucesso nos exames e passar a difícil barreira do curso preparatório, que tinha lugar numa escola comum aos três ramos das Forças Armadas.

Quando entrou na Academia para frequentar o segundo ano era muito diminuto o nº de mulheres nas mesmas condições. Uma situação que os psicólogos sociais ingleses designam "Tokenism" e que em razão da sua atipicidade deve ser compreendido dessa forma.

Protocolo F1 – Rapariga, 21 anos, 2º ano da Academia Militar, solteira, pertencente aos 1º anos de candidatas à Academia, católica, de direita

Nós as mulheres somos:

- orgulhosas (0, 1+)
- discretas (0, 1+)
- justas (0, 1+ E)
- defendemos o que é nosso (0,1+ E)
- fiéis (2, 0, E)

Elas as mulheres são:

- indiscretas (x -)
- descaradas (x -)
- mais fiéis que os homens (0, 2)
- agarradas à família (0, 1+E)
- com pouca liberdade expressão (0, 3 - E)

Eles os homens são:

- ambiciosos (0, 2 +)
- inconstantes (x -)
- educados (0, 1+E)
- têm pouco respeito pelas mulheres (x -)
- não aceitam a ideia de lhes tirarmos o lugar (x,0)

Nós os Militares somos:

- correctos (0, 1+E)
- bem educados (0, 1+E)
- discretos (0, 1+)
- simples (0, 1+)
- pacientes (0, 2+E)

Eles os militares são:

- incorrectos (x -)
- mal educados (x -)
- têm duas imagens (x -)
- corajosos (0, 3+)
- sabem ouvir (0, 1+E)

1 – aplica-se completamente a mim

2 – aplica-se a mim

3 – aplica-se um pouco a mim

x – não se aplica a mim

0 – faz parte da minha personalidade

E – é uma característica minha essencial

+, -, 0, positivo, negativo, neutro

Quadro 2 – Extracto do protocolo de F1

Recodificação dos grupos

A segunda fase da introspecção focalizada indica que F1 diferencia entre Nós e Elas as mulheres. “Nós as mulheres” refere-se às mulheres do seu meio, nomeadamente o seu grupo de pertença na Academia.

“Elas as mulheres” refere-se a dois subgrupos: um primeiro que inclui as suas camaradas femininas da Academia que têm um comportamento que ela condena e um segundo subgrupo que inclui *“as mulheres de quem ouve falar, as vizinhas, as amigas das amigas”*.

São expressas dificuldades de acesso ao mercado de trabalho por parte das mulheres na sociedade portuguesa as quais são transpostas para a AM, surgindo a necessidade de defesa da sua identidade sexual num meio hostil e reticente à integração das mulheres *“para mim é importante ser mulher e defender o facto de ser mulher, de poder fazer exactamente a mesma coisa que eles, mostrar-lhes que somos capazes ... é bom ser diferente, ter uma forma de pensar diferente dos homens, ser mais sensível, dar mais valor a certos valores (quais?) ser orgulhosa, discreta, justa, defender o que é nosso, é a própria instituição que nos obriga a ser assim”*.

F1 gosta de ser mulher, justificando-o através de um comportamento diferenciado relativamente ao sexo oposto – mais fieis, mais sensíveis, mais perfeccionistas.

O orgulho sentido, é transposto para a AM através da necessidade de mostrar uma imagem de força mesmo nos momentos difíceis *“perante os rapazes na AM posso estar mal e mostro que estou bem ... algumas não reagem ao facto de serem rebaixadas”*.

A discrição, que ela atribui a si mesma e faz parte da sua personalidade, é uma noção que percorre todo o protocolo e remete para a gestão dos sinais emitidos *“gosto de passar despercebida e conseguir os meus objectivos ... neste meio as mulheres não devem ser indiscretas, somos observadas e apontadas facilmente ... quando alguma faz alguma coisa mal pagamos todas pelo mesmo ... devemos andar todas ao mesmo nível”*.

Este extracto sublinha uma realidade muito presente no grupo das mulheres cadetes: o controlo que umas exercem sobre o comportamento das outras, no sentido de homogeneizar as respostas dadas e diminuir a visibilidade social a que se sentem expostas.

É importante que as mulheres saibam ser justas, recusando todas as situações que possam resultar em privilégios para o seu grupo de pertença sexual *“quando elas foram para o campo tiveram oportunidade de ir tomar*

banho (estamos lá 3 dias sem tomar banho), duas não quiseram ir, se fosse eu também não ia porque depois eles criticam e às vezes têm alguma razão”.

F1 considera importante “chegar ao fim e mostrar-lhes que não desisto porque me dói um pé”. Neste sentido, é sua preocupação desempenhar funções similares aos rapazes “alguns até concordam que eu faça funções mais simples porque sou rapariga mas eu estou sempre a dizer não ... têm que nos pôr à prova, acho que nos protegem demais em determinadas situações”.

Comportamentos indiscretos não são compatíveis com a adaptação a esta instituição, e F1 exemplifica-o a partir de um episódio com uma camarada “estou a lembrar-me de uma cadete que quando concorremos à AM dava muito nas vistas, falava com os rapazes como se os conhecesse há muito tempo, gostava de ver toda a atenção recaída sobre ela, era uma pessoa muito oposta a mim, agora está lá comigo e é diferente, teve que se adaptar ao meio em que está”.

A integração nesta instituição parece conduzir a mudanças identitárias mais ou menos profundas que se reflectem igualmente no vivido do sujeito “já não somos aquilo que éramos quando entrámos cá para dentro, fomo-nos transformando, cá fora já não me consigo identificar com algumas raparigas da minha idade, talvez tenha crescido mais que elas”.

Vê-se que F1 rejeita as mulheres (camaradas) que são indiscretas e descaradas. Por indiscrição F1 entende tornar-se visível, falar alto, tratar por tu os camaradas mais antigos, falar de si indiscriminadamente, etc. – comportamentos susceptíveis de denegrir a imagem da mulher militar e que contrastam fortemente com a sua estratégia de “low profile” que tanto a ajudou a viver a sua condição de “Token” e a adquirir o respeito generalizado.

Um comportamento descarado por parte das suas camaradas pode comprometer a sua imagem junto dos seus superiores “quando um oficial me perguntou o que estava mal e eu disse que havia faltas de respeito, ele disse que o que mais o chocou foi ver que havia raparigas a usar os mesmos termos que os rapazes, quis dar a ideia de que não tínhamos respeito porque não criávamos as condições para isso”.

Os homens e os militares sejam masculinos sejam femininos, são recodificados com base nos camaradas da Academia. Amigos privilegiados, vão desempenhar um papel importante na integração do sujeito ao meio militar “é mais fácil ser amiga de um homem, quando tenho um problema falo com eles, as raparigas não sabem guardar um segredo”.

F1 partilha com os homens o traço da ambição que considera positivo e também um traço da sua personalidade. Mas a ambição nos homens, aos

olhos de F1, significa motivação para o poder, susceptível de gerar condutas competitivas *“passar uns à frente dos outros, ter as primeiras classificações”*. Contrariamente, a ambição que F1 atribui a si mesma é remetida para um tempo futuro *“é difícil aqui dentro ser muito ambiciosa, tudo segue uma escala e um grau hierárquico, posso ser muito ambiciosa em relação ao futuro, mas assim de momento não se podem mudar as coisas”*. F1 vê os homens, ou seja, os seus camaradas da AM, como o mais difícil obstáculo que interfere com a sua ambição, o seu sonho de se tornar oficial.

Os homens *“têm pouco respeito pelas mulheres”*, significa que não acreditam nas capacidades das mulheres, uma ideia estritamente associada à ideia de que *“eles não aceitam a ideia de lhes tirarmos o lugar...”*; e todavia, recordando as regras estabelecidas, as carreiras militares dos homens e das mulheres são independentes *“às vezes nem é bem tirarmos o lugar porque a essa conclusão já chegaram, é mais não aceitarem a ideia de fazermos a mesma coisa que eles”*. Esta imagem dicotómica (amigos privilegiados e o mais difícil obstáculo) vai reflectir-se directamente na recodificação dos cadetes/militares – *“Nós”* aqueles mais parecidos consigo, os seus amigos, que a respeitam; e *“Eles”* os mal educados, que têm duas imagens e que a desrespeitam.

O vivido do sujeito em meio militar oscila entre os atributos arrogante *“até burra me chamavam, eu dizia que sim, e eles chamavam-me arrogante por causa disso”* e paciente *“temos que ter paciência para ouvir essas coisas sem dizer nada”*.

Não obstante considerar a pertença militar muito importante, F1 é evasiva quando confrontada com a especificação do seu papel enquanto oficial *“é o que quero mas agora estou na fase de acabar a Academia e depois pensar”*. Aliada a esta insegurança, surge o desejo de vir a introduzir mudanças no exercício de funções militares *“quando der instrução vou ter paciência, explicar as coisas num estilo simples para eles entenderem, só me imagino a ser mais rígida para não haver faltas de respeito”*. O desejo de ser oficial surge condicionado pelo receio de não ser aceite enquanto mulher militar *“não sei como a vida me vai correr, como é que um grupo de homens encara uma mulher a dar instrução”*. Condicionada pela necessidade de se defender de *“eles os cadetes”*, a construção da sua identidade militar está marcada por sentimentos de insegurança *“tenho muitas expectativas ... não tenho modelo ... as raparigas têm mais dificuldades em se enquadrarem nestes meios porque isto é visto como uma profissão de homens, pensam que estamos a invadir o espaço deles”*.

Convidada a pronunciar-se sobre a importância de pertencer ao grupo dos cadetes, F1 enfatiza a importância da entreajuda *"é importante porque agora identifico-me é com eles ... quando vou de férias sinto falta da Academia .. senti muito apoio dos meus colegas e instrutor, cá fora as pessoas não se preocupam tanto com os outros, nós agimos como um grupo"*. A entreajuda, característica da cultura militar, pode sobrepor-se em determinados momentos à dicotomia existente no interior deste grupo *"...eles, os mais mal educados, mas é engraçado que nos momentos difíceis todos acabamos por nos ajudar uns aos outros"*.

Surge desta forma a referência à importância dos rituais na construção da consciência colectiva e das representações que daqui recorrem, uma outra referência agora no plano da religião é dada por F1 *"gosto muito da AM por causa disso, das cerimónias religiosas que há lá, há um espírito diferente, posso achar muitas coisas desfavoráveis mas quando há cerimónias as pessoas unem-se muito"*.

PERSPECTIVA GLOBAL

A recodificação dos grupos mostra que os sujeitos categorizam a partir do seu círculo de intimidade – os camaradas, os amigos, os familiares mais próximos. Por outro lado "Eles" representa quase sempre os exemplos negativos que levam os sujeitos a adquirir uma maior consciência de si próprios a partir daquilo que eles recusam.

Neste grupo a identidade social dominante centra-se em torno das pertenças sexual e profissão, e isto é verdade para os dois grupos analisados não obstante as representações e estratégias serem diferenciadas como veremos seguidamente.

Universo Masculino

O projecto destes sujeitos, marcado pelo desejo de passar de cadete a oficial, sobrepõe a imagem masculina à imagem do militar (a recodificação da instituição militar é feita com base numa única imagem significativa: a imagem masculina).

Contrariamente às mulheres, os homens representam-se de uma forma autónoma e independente (ambiciosos, orgulhosos, senhores de si pró-

prios) e a diferença entre sexos é vista como um fenómeno natural, susceptível de legitimar a força masculina versus a fragilidade feminina. Tradicionalmente masculina, a instituição militar confere à mulher o papel de intrusa, ameaçando a especificidade dos valores militares.

Ser cadete/militar corresponde à concretização de um projecto longínquo, de um sonho, a um orgulho muito especial: historicamente associados à nobreza, os oficiais são vistos como pessoas diferentes. A imagem dos militares investe mesmo a classe social de alguns respondentes, opondo a si a imagem dos civis.

Os sujeitos expressam um comportamento diferenciado em contexto civil e militar – os valores militares sobrepõem-se aos civis, relembrando a eficácia da socialização militar e a necessidade de preservar a imagem desta instituição. Dispostos a sacrificar a identidade pessoal em prol da identidade colectiva, o espírito de sacrifício e a camaradagem surgem como valores centrais e específicos da cultura militar.

A condicionar o projecto destes sujeitos não encontramos elementos particularmente relevantes, à excepção de algumas falhas (orgulho, teimosia) que por outro lado são consideradas essenciais ao reconhecimento da identidade masculina.

Enquanto principais fontes de gratificação encontradas no meio surgem as mulheres no papel de mães e namoradas (sensíveis, carinhosas, delicadas), uma imagem idealizada que não é compatível com comportamentos mais salientes, os quais remetem a mulher para a esfera da alteridade negativa.

Mais especificamente, desenha-se uma situação de exclusão social dirigida às mulheres que tentam penetrar em esferas tradicionalmente masculinas (como é o caso do meio militar) – é o valor camaradagem que vai minimizar situações de agressão daqui decorrentes.

Se a mulher militar surge como adversário para este grupo, o mesmo é verdade para os cadetes/militares com comportamentos que em nada dignificam a imagem desta instituição.

A imagem que os cadetes expressam acerca das mulheres surge avaliada em duas vertentes diferenciadas – uma imagem positiva, correspondendo ao padrão de expectativas dirigido à mulher ideal e uma imagem negativa correspondendo ao desvio às normas comportamentais do padrão anterior. Beleza e feminilidade constituem atributos essenciais que se espera encontrar numa mulher e que parecem estar ausentes da mulher militar *“perca de feminilidade, postura abrutalhada”* (M7).

A imagem negativa surge caracterizada através das mulheres traiçoeiras *"as mulheres têm o sexto sentido sempre a funcionar, manipulam"* (M5), rebeldes *"dão um segundo sentido às coisas, vão contra o meu ideal de mulher"* (M6) e calculistas *"a condição social de inferioridade das mulheres leva-as a querer tirar o melhor partido das situações"* (M4).

A partilha de estereótipos que determinam à mulher especificidade de papéis, sob pena de perderem a sua identidade sexual, é uma realidade comum a todos os cadetes. Esta representação vai dificultar a aceitação das mulheres em meio militar, fazendo surgir a representação das mulheres cadetes caprichosas numa atitude de provocação dirigida aos homens *"competem com os homens, não reconhecem as suas limitações, nós não necessitamos desafiar, somos aceites"* (M5) e desonestas na medida em que podem pôr em causa princípios desta instituição *"a relação entre um homem e uma mulher vai contra os princípios da instituição"* (M6).

Universo Feminino

O projecto deste grupo surge associado à necessidade de integração na AM bem como à necessidade em articular identidade profissional e sexual, ou seja, ser aceite enquanto mulher e cadete.

A representação que as mulheres cadetes fazem de si próprias aparece condicionada por constrangimentos externos que induzem a luta pela igualdade de oportunidades, por uma melhor inserção da mulher na sociedade e por ser oficial do exército.

É expressa a consciência de "token" e a extrema visibilidade a que se sentem expostas, por parte de civis e militares.

A consciência de constituírem um grupo minoritário, aumenta a responsabilidade sentida e a necessidade de gerir um conjunto de estratégias de molde a evitar o conflito com o maioritário (os cadetes masculinos).

Se a opção pela Academia correspondeu a um impulso de momento (e não teve por base uma ideia clara do que iriam encontrar), a admissão nesta instituição confrontou-as com a necessidade de gerirem as respostas dadas, de apresentarem uma máscara socialmente valorizada e esconderem o mal estar sentido.

A sua presença na Academia traz implícita a necessidade de renegociação de um espaço que sentem não ser seu – as estratégias activadas nomeadamente a necessidade de se esconderem do olhar do outro, poderão

induzir dificuldades de partilha do espírito de corpo, camaradagem, valores essenciais na cultura militar.

O medo de enfrentar certas situações torna-as dependentes da realidade externa, ou seja, da ajuda dos cadetes masculinos.

Não obstante todos os condicionalismos os sujeitos expressam orgulho na sua condição de mulheres militares – a vantagem de ser mulher encontram-na numa maior capacidade de adaptação face a novas realidades, na possibilidade de fazerem coisas novas, de terem filhos. Da mesma forma a importância de ser cadete encontram-na na possibilidade de intervir em mudanças institucionais, nomeadamente através de uma maior humanização do espaço de trabalho e de um maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

A condicionar os sujeitos na realização do seu projecto estão um conjunto de constrangimentos, consequência da agressão de alter: a incompreensão expressa por civis e militares, a ausência de reconhecimento pelo esforço dispendido na AM, as dificuldades de expressão no contexto de uma sociedade conservadora – susceptíveis de despoletar sentimentos de angústia e insegurança.

Representando-se como mais introvertidas e menos experientes (resultante dos constrangimentos vividos), estas mulheres vão expressar sentimentos de desejabilidade face à imagem das mulheres mais experientes e extrovertidas e dos cadetes mais descontraídos: admira-se no outro uma forma de estar mais autónoma, livre e independente.

Contudo, sentimentos de frustração poderão resultar da impossibilidade em aceder às imagens expressas; como já vimos a integração na Academia exige uma estratégia de “low profile”.

Ainda no campo da alteridade, opondo-se a esta zona existencial frustrante, surge uma zona gratificante: a ajuda dos cadetes masculinos numa atitude de cooperação e suporte – a imagem de força masculina vai complementar o reconhecimento de uma certa fragilidade feminina.

Contudo, no campo da alteridade negativa, surgem um conjunto de ameaças ao projecto destes sujeitos: a imagem dos homens arrogantes articulada com a imagem dos cadetes agressores e que se vai opôr aos cadetes amigos, verdadeiros paradigmas neste contexto; a imagem das mulheres indiscretas, descaradas, susceptíveis de pôr em causa a imagem que elas a tanto custo tentam preservar. A interiorização de uma má imagem do seu grupo de pertença, da qual se dissociam, leva-as a pôr em causa a honestidade das mulheres cadetes face aos homens honestos e

amigos; numa outra vertente a imagem das mulheres dependentes do casamento, da família, incapazes de se autonomizarem.

Os homens surgem representados de forma dicotómica pelas mulheres: aos cadetes amigos opõem-se os cadetes agressores – a inveja dos pactos e cumplicidade existente entre os homens dá lugar a sentimentos de desconfiança. Incapazes de aceitar as diferenças de género, os cadetes criticam a utilização de tabelas diferenciadas (homens/mulheres) na avaliação dos exercícios físicos, ao mesmo tempo que atitudes espontâneas expressas pelas mulheres, como por exemplo o sorriso e as lágrimas, são entendidas como meras provocações.

Surge a imagem dos cadetes falsos cínicos, maus, capazes de desculpar a instituição militar e centrar toda a agressividade nas mulheres *“se algumas coisas não estão bem, nós também não temos culpa, mas eles nunca culpam a instituição”* (F3) bem como a imagem dos oficiais incapazes de lidar com as mulheres.

CONCLUSÕES

O nosso trabalho evidenciou dinâmicas de identidade diferenciadas derivadas de uma relação entre grupos de estatuto diferente: os cadetes masculinos representando o maioritário, os cadetes femininos representando o minoritário.

Encontramos uma sobreposição entre identidade masculina e identidade militar e esta crença é suportada por homens e mulheres.

Reafirma-se deste modo a individualidade inscrita nos significados de ser homem. É esta individualidade que lhes vai permitir estabelecer uma diferenciação entre identidade civil e militar, contrariamente às mulheres cujo projecto profissional não se pode dissociar do projecto pessoal – a dinâmica de identidade dos homens possibilita-lhes a integração de papéis diferenciados ou mesmo contraditórios.

Associada à pertença feminina surge a incompatibilidade entre a imagem feminina e a imagem do militar, reafirmando-se o sentido colectivo e a especificidade inscrita nos significados de ser mulher.

A estrita associação dos significados femininos às relações afectivas e à reprodução biológica, poderá explicar a idealização das mulheres no papel de mães e namoradas, bem como a rejeição das mulheres no papel de militares, produzida pelos cadetes masculinos.

Ser militar implica no caso das mulheres um afastamento das normas do papel que lhes é atribuído e por esse motivo o seu comportamento é avaliado como desviante (são desonestas, etc.).

As cadetes vêm-se confrontadas com a necessidade de resposta a um duplo referente (masculinidade e feminilidade) através do qual oscilam paradoxalmente – na análise dos seus protocolos deparamo-nos com um discurso paradoxal, expressão de uma mudança de valores mais acentuada e da dificuldade em conciliar espaços simbólicos por vezes contraditórios. Elas vivem permanentemente o conflito resultante da necessidade de se aproximarem dos valores militares, os quais exigem ruptura com os conteúdos simbólicos associados à sua categoria sexual mas que também são desejáveis, exigindo-lhes a necessidade de os preservar.

É neste quadro de representações assimétricas que deveremos situar as estratégias desenvolvidas pelos sujeitos.

Nas imagens de um passado honroso, os cadetes encontram a dupla necessidade de filiação e projecção enquanto grupo no futuro, a presença das mulheres introduz novos códigos e valores susceptíveis de ameaçar a identidade militar, por isso os cadetes rejeitam e agredem as mulheres, uma atitude ancorada em representações sociais preexistentes – a “categorização” é a única estratégia comum a todos os protocolos masculinos.

Contrariamente aos rapazes, cujas estratégias se caracterizam pela sua diversidade, as estratégias adoptadas pelas raparigas centram-se em torno da relação entre géneros – seja a “conformidade e anonimato” como resposta à extrema visibilidade a que se sentem expostas; seja a “assimilação ao maioritário” enquanto tentativa de aproximação dos instrumentos sobre os quais este funda o seu lugar social (os seus valores, a sua amizade); seja a “instrumentalização da condição social” onde a consciência da desigualdade de forças na qual se encontram pode estimular a aceitação da identidade prescrita em proveito próprio (ex. ser discreta para conseguir objectivos); seja a “diferenciação pela positiva face ao endogrupo”, onde as cadetes se vão diferenciar de determinados subgrupos constitutivos do seu grupo de pertença (ex. praças), sem denegar a sua identidade; seja a “diferenciação pela positiva face ao exogrupo” onde as cadetes se vão afirmar através da diferença, na tentativa de conquistar a sua aceitação no “espaço dos homens”. Surge a defesa da identidade sexual através da capacidade das mulheres em serem mais perfeccionistas, mais subtis e

mais abertas, contrariamente aos homens mais conservadores e com menos capacidade de adaptação à mudança que elas sentem estar a ocorrer no interior das Forças Armadas (“renovação” tecnológica e humana).

Também os homens se referem a essa mudança mas numa outra perspectiva – a percepção de uma crise no interior das FA leva alguns cadetes a criticar a qualidade do recrutamento de efectivos, a abolição da praxe (proibindo mecanismos de selecção natural), a formação de oficiais sem nível, a incapacidade da instituição militar justificar a sua missão. Estes motivos justificam por parte de alguns cadetes a opção pela GNR como forma de se diferenciarem da imagem negativa difundida na sociedade civil acerca das FA – na GNR eles sentem a possibilidade de instituírem as mudanças necessárias a um funcionamento organizacional mais eficaz.

Para finalizar resta-nos questionar se os valores hegemónicos poderão atenuar os conflitos de género e permitir uma maior integração das mulheres. Se numa primeira análise poderíamos ser tentados a responder que sim, já que estes valores (família, irmãos, camaradagem, entreajuda, etc.), partilhados por todos os cadetes ao nível da representação da profissão, vão aumentar a coesão grupal e minimizar o conflito existente entre os dois grupos, a verdade é que a relação assimétrica entre géneros está sempre presente. Por exemplo se as representações sociais hegemónicas introduzem a entreajuda enquanto valor central, impedindo que os cadetes recusem ajuda às suas camaradas, são ainda estas representações que impossibilitam o desenvolvimento de relações afectivo/sexuais entre cadetes e a responsabilização pelo desrespeito desta norma/tabu é atribuída à desonestidade das mulheres capazes de violar os valores honra e lealdade.

Associada à construção da identidade das cadetes surge uma dinâmica conflitual sem paralelo no caso dos rapazes, e que nos permite reequacionar as nossas hipóteses pois se a entrada na Academia é acompanhada por um processo de desvalorização da identidade (no caso das raparigas) ela é igualmente acompanhada por um processo de defesa da identidade sexual e pela aprendizagem de novas formas de estar nesta instituição.

A entrada das mulheres no meio militar insere-se num processo de mudança das FA – e se o discurso dos cadetes não transporta valores de modernidade e racionalidade o mesmo não se aplica às raparigas: elas

transportam um discurso de valores formais numa instituição que não está familiarizada com esses valores.

As dificuldades de integração das cadetes, o insucesso escolar que as atinge sobretudo no primeiro ano são questões que não deverão ser abordadas numa perspectiva meramente biológica.

Verificamos ao longo deste trabalho um esforço de integração das mulheres (que por vezes é partilhado pelos seus camaradas, não obstante as assimetrias) mais do que um esforço de adaptação da instituição a uma nova realidade.

Que medidas foram ou estão a ser tomadas para integrar de facto as mulheres? Será que as leis “per si” o fazem? Ou será que se espera que sejam os indivíduos a fazê-lo na ausência de estruturas integradas de apoio? Resta-nos questionar qual o papel que as “minorias activas” poderão ter na mudança decorrente da dinâmica social que se está a operar.

A este propósito fica em aberto uma análise mais detalhada dos processos de liderança introduzidos pelas mulheres e as dinâmicas daqui decorrentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, L., *Masculino e Feminino: A construção social da diferença*. Porto, Edições Afrontamento, 1994

BARKALOW, C., RAAB, A., *In the men's house: An inside account of life in the army by one of West Point's first female graduates*. New York, Poseidon Press, 1990

CARREIRAS, H., *Mulheres nas Forças Armadas Portuguesas*. Edições Cosmos, 1987

COSTALAT-FOUNEAU, A.M., *Identité sociale et dynamique représentationnelle*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1997

DESCHAMPS, J. C., BEAUVOIS, J. L., Attributions intergroupes. In R. Y. Bourhis, J. P. Leyens (Eds.), *Stéréotypes, discrimination et relations intergroupes* (pp. 97-126), Liège, Mardaga, 1994

CAMILLERI, C., KASTERSZTEIN, J., LIPIANSKY, et al., *Stratégies identitaires*. Paris, PUF, 1990

LORENZI-CIOLDI, F., *Individus dominants et groupes dominés: images masculines e féminines*. Grenoble, PUG, 1988

ZAVALLONI, M., LOUIS-GUÉRIN, C., *Identité sociale et conscience: Introduction à l'égo-écologie*. Montréal, Les Presses de L'Université de Montréal, 1984